

O Conceito «Igreja» de Lutero segundo seus Escritos «Dos Concílios e da Igreja» e «Contra Hans Worst»¹

por Joachim Fischer
Trad. Werner Dietz e
Rubens Horst

Introdução

Nos escritos “Dos Concílios e da Igreja” (1539) e “Contra Hans Worst” (1541) Lutero observa, que a eclesiologia deve responder às seguintes perguntas: “O que, quem, e onde a igreja esteja” (WA 50, 624, 7 ss.; v. também WA 51, 478, 24 ss.). É, portanto, do caráter, dos membros, e do lugar da igreja que será falado. Do caráter da igreja, no entanto, não se pode falar, sem que se fale dos membros da igreja. O conceito “igreja” do Lutero já idoso faz alusão a dois aspectos fundamentais:

1. O caráter da igreja.
2. O lugar da igreja.

I. O caráter da igreja

Quando se quer compreender o caráter da igreja, não se deve tomar a “cega e obscura palavra ‘igreja’” (WA 50, 625, 5) como ponto de partida, pois o sentido que a palavra “igreja” expressa, é insuficiente para a compreensão (v. WA 50, 624, 18 ss.; v. também Paul Althaus, *Die Theologie Martin Luthers*, Gütersloh 1962, p. 249). A palavra grega “ekklesia” e a palavra alemã “igreja”

1 Versão portuguesa de uma conferência realizada na Primeira Reunião de Estudos das Faculdades Luteranas de Teologia na América Latina em Lima/Peru em 5 — 9 de julho de 1965. Eu quero chamar a atenção sobre o ponto de partida da conferência, a saber, o artigo de Ernst Wolf, *Die Einheit der Kirche im Zeugnis der Reformation*, em: *Peregrinatio. Studien zur reformatorischen Theologie und zum Kirchenproblem* (München 1954), p. 146 ss. Este artigo foi mencionado por diversas vezes no meu artigo “*Die Einheit der Christenheit in Luthers Theologie*”, em: *Estudos Teológicos* 1963, p. 81 ss. v. também Ernst Wolf, *Sanctorum communio, Erwägungen zum Problem der Romantisierung des Kirchenbegriffs*, em: *Peregrinatio*, p. 279 ss.

denominam em geral “um povo reunido”, não expressam, no entanto, que a igreja é “um povo especialmente indicado”, que difere dos demais “povos” por seu particular modo de ser. O que é a igreja, nos dizem outros conceitos e expressões melhor do que o conceito “igreja”, como “a santa cristandade” (WA 50, 270, 11 s.); “tôda a cristandade” (WA 51, 479, 33; 480, 21. 22. 28. 34; 481, 27. 31; 483, 20), “um povo santo e cristão”, “povo de Deus” (WA 50, 624, 24 ss./625, 1 s.; 625, 6 s.), a “ordem geral de Cristo” (WA 50, 272, 19 ss.), “a multidão de cristãos crentes” (WA 10/I, 1, 140, 8. 14), ou “a comunidade e número ou reunião de todos os cristãos em todo o mundo, a única noiva de Cristo e seu corpo espiritual, do qual Ele é a única cabeça” (WA 26, 506, 31 ss.; v. também WA 7, 219, 1; 50, 102, 30). Sòmente êstes conceitos e expressões correspondem à “mais nítida definição do caráter” da igreja que Lutero conhece, à confissão da fé à igreja santa, católica e cristã. Lutero compreende a fórmula latina do credo apostólico “sanctorum communio” — provavelmente contra seu sentido original — num sentido pessoal; êle a traduz com “comunhão” ou “comunidade dos santos” (Martin Doerne, *Luthers Kirchenverständnis*, em: *Fragen zur Kirchenreform*, caderno 1, *Kleine Vandenhoeck-Reihe* nos. 205 — 207, Göttingen 1964, p. 13; v. WA 7, 712, 39). De acôrdo com seu caráter a igreja é uma comunhão de pessoas, comunidade (v. Doerne op. cit. p. 12); ela possui um “caráter rigorosamente pessoal” (v. Doerne 1. cit.; v. também Karl Holl, *Die Entstehung von Luthers Kirchenbegriff*, em: *Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte*, vol. I: Luther, 7.^a ed., Tübingen 1948, p. 297 obs. 3). A compreensão de Lutero do caráter pessoal da igreja espelha-se por isso também nas suas conhecidas definições do caráter da igreja nos Artigos de Esmalcalde e no Catecismo Maior: “... graças a Deus, já uma criança de sete anos sabe o que é a igreja, a saber, os santos fiéis e os cordeiros que ouvem a voz do seu pastor. Porque assim oram as crianças: Creio numa santa igreja cristã.” (WA 50, 250, 1 ss.) “Eu creio que há um pequeno número e uma comunidade de santos na terra sob uma só cabeça, Cristo, reunidos pelo Espírito Santo, numa só fé, pensamento e entendimento, com diversos dons, mas em harmonia no amor, sem facções e divergência. Do mesmo eu sou uma parte e membro. participante de todos os seus bens, levado a isto pelo Espírito Santo, e por isto incorporado, porque ouvi a palavra de Deus e ainda a ouço, a qual é o início para entrar nessa comunidade de santos.” (*Die Bekenntnisschriften der evangelisch-lutherischen Kirche*, 2.^a ed., Göttingen 1955, p. 657, 26 ss.; v. também WA 50, 624, 13 ss.)

Além do “caráter rigorosamente pessoal” da igreja, essas definições fazem compreender, que a igreja não é qualquer congregação ou comunidade de pessoas, mas “um grupo ou união de pessoas santas e cristãs”, isto é, as que realmente crêem em Cristo, e pelo Espírito Santo são santificadas diariamente “pelo perdão dos pecados” e “pelo abandono e extermínio dos pecados” (WA 50, 624, 24 ss./625, 1 s.; 50, 644, 6 ss.; 50, 625, 12 ss.). A igreja

compreendida num caráter pessoal, é caracterizada por cristianismo e santidade. Estes dois predicados Lutero pode reunir sob um único, o da santidade cristã. A santidade cristã é o único atributo necessário da igreja. Ela é dádiva e obra de Cristo e do Espírito Santo para a igreja e na igreja. Por conseguinte, a igreja é “um povo santo e cristão, no qual Cristo vive, opera e reina per redemptionem, por graça e remissão dos pecados, e o Espírito Santo per vivificationem, por purificação diária dos pecados e renovação da vida, para não ficarmos em pecados, mas possamos levar uma vida nova e façamos diversas boas obras e não as antigas obras más, como os dez mandamentos ou as duas tábuas de Moisés o exigem” (WA 50, 625, 23 ss.). Nisso a fé verdadeira em Cristo e a santificação pelo Espírito Santo não se separam em duas obras ou atos diversos. Ao contrário, o Espírito Santo cria a santidade da igreja dando ao homem a verdadeira fé em Cristo (WA 50, 626, 15 ss.). Que a igreja é a comunidade dos santos significa, que ela é a comunidade dos crentes, dos santificados pela fé em Cristo.

Para entendermos o agir do Espírito Santo, pelo qual ele cria a necessária e constitutiva santidade cristã, Lutero pode usar o decálogo como guia hermenêutico; pois o decálogo não somente é lei, mas também uma espécie de espelho, “no qual vemos, até que ponto o Espírito Santo nos levou, e quanto ainda nos falta...” (WA 50, 643, 19 ss.). A primeira tábua do decálogo nos mostra, que e como o Espírito Santo santifica os cristãos em relação à alma, dando-lhes no coração as três virtudes teológicas ou cristãs: fé, esperança e amor (WA 50, 626, 30 ss.). Especialmente o Espírito Santo opera nos cristãos o “verdadeiro reconhecimento de Deus” (WA 50, 626, 19 s.), iluminação “com verdadeira fé” (WA 50, 626, 20), força e consólo para as “consciências ingênuas, desanimadas e fracas contra a acusação e tentação dos pecados” (WA 50, 626, 22 ss.) e “verdadeiro amor e temor a Deus” (WA 50, 626, 27). De acôrdo com a segunda tábua do decálogo, o Espírito Santo santifica os cristãos também “em relação ao corpo” (WA 50, 627, 1). Ele desperta o corpo para uma “nova vida, até se completar na outra vida. E isto se chama santidade cristã...” (WA 50, 627, 10 ss.).

Que a igreja é a comunidade dos santificados pela fé não se deixa, naturalmente, constatar ou provar. Somente crendo se pode admiti-lo. Lutero encontra a sua frase decisiva sobre o caráter da igreja no credo apostólico. “A igreja é uma cousa sublime, profunda e secreta, que ninguém pode conhecer nem ver, mas deve somente pelo batismo, sacramento (Santa Ceia) e palavra compreender e acreditar.” (WA 51, 507, 31 ss.). Como a revelação de Deus é oculta e secreta — oculta na carne —, assim também o é a igreja (WA 39/II, 161, 16), isto é, “oculta sob muitos erros e falhas, sob heresias, separações e escândalos” (Althaus op. cit. p. 253). A realidade da igreja nunca é acessível à razão, mas somente à fé (v. WA DB 7, 418, 36 ss.; v. também Doerne op. cit. pp. 13. 14 s. e 15); ela é “sola fide perceptibilis” (WA 7, 710, 3). Por isso ninguém pode fixar um determinado limite da igreja. Única-

mênte Cristo sabe quem pertence à cristandade (WA 21, 333, 6 ss.). Isto nos faz supor sôbretudo a compreensão da igreja como noiva de Cristo. "Sacramento, diz Paulo, é Cristo e sua igreja, isto é, Cristo e a igreja são um corpo, como espôso e espôsa, mas é um grande mistério e deve ser compreendido pela fé; não se deixa ver nem tocar, porisso, é um sacramento, isto é, uma coisa secreta, um mistério, imperceptível, oculto." (WA 50, 641, 8 ss.)

Lutero acentua o sinal característico da igreja — a santidade cristã — e a invisibilidade da igreja para delimitar seu conceito de igreja contra o mal-entendido institucional da mesma (v. Doerne op. cit. p. 11). Êle vê êste mal-entendido em expressiva forma na igreja católica romana (v. WA 7, 722, 18 s.). Isto não é, todavia, sômente restrito à igreja católica romana, mas o mal-entendido institucional é possível em qualquer época (v. Doerne op. cit. p. 14). Neste mal-entendido não é observado que a igreja fundamentalmente é um povo cristão e santo, comunidade dos santos. O mal-entendido institucional da igreja substitui a imprescindível determinação do caráter da igreja — a santidade cristã — por uma ilegítima determinação de caráter institucional. Concretamente isto significa para Lutero: a igreja católica romana de sua época não entende a igreja como povo santo e cristão, mas como povo romano (WA 50, 625, 37). Êla não admite como característico da igreja, a santidade cristã, mas a santidade romana (WA 50, 626, 3 ss.). A "romana" porém, não é uma imprescindível e legítima determinação do caráter da igreja. Porisso a igreja mal-compreendida num sentido institucional, exige a si mesma injustamente o título de ser a igreja cristã (WA 50, 626, 7 s.; 640, 10 ss.; 249, 24 ss./250, 1). Quem compreende mal a igreja públicamente como uma instituição, não poderá ser suportado na igreja de Cristo. Êste deve constatar seu êrro pela palavra de Deus, ou se deixar excluir da igreja (WA 50, 631, 31 ss.). Mesmo que tais pessoas afirmem com voz alta serem a verdadeira igreja (WA 50, 513, 20 s.) — se não cedem à palavra de Deus e não querem melhorar-se, êles se excluem "a si mesmos da igreja, e se ufanam públicamente que são e querem ficar inimigos da igreja, pois quem assim fala, que deixaria antes a igreja perecer do que melhorar-se ou mesmo ceder em um pedacinho, êste confessa com isto clara e públicamente, que além de não ser cristão, não quer pertencer à igreja..." (WA 50, 512, 25 ss.). A igreja mal-entendida por si mesma num sentido institucional, que se protege atrás do institucional contra a palavra de Deus, não é outra cousa senão a igreja do diabo, que a ilude, afirmando estar situado o seu caráter no institucional (WA 50, 644, 14 s.; 644, 17 s.; 644, 21 ss.). Essa falsa igreja, dominada pelo sataná, que talvez numéricamente seja maior que a verdadeira igreja, e dentro da qual talvez se possa crer com mais facilidade do que na igreja verdadeira, achase em contraposição com o cristão e santo povo de Deus, a igreja verdadeira que se deixa doar a santidade do Espírito Santo (WA 50, 645, 21 ss.). Pois a igreja verdadeira "não é segundo seu cará-

ter fundamental uma instituição, nem uma organização com leis jurídicas" (Doerne op. cit. p. 12).

Se Lutero se delimita contra o mal-entendido institucional, segundo o qual a santidade cristã da igreja consiste em "cousas externas, corporais e efêmeras" (WA 50, 627, 37 s.), então êle também se delimita no outro lado igualmente tão enérgico contra o mal-entendido espiritualístico, de que o Espírito Santo não doa sua santidade à cristandade por intermédio de "cousas externas, corporais e efêmeras". Com o mal-entendido espiritualístico da igreja Lutero irá se confrontar na polémica contra os entusiastas. Existe a possibilidade, no entanto, de compreender a igreja espiritualisticamente mal em relação ao ser um sêr humano, pois "o entusiasmo", do qual germina o mal-entendido espiritualístico da igreja "está em Adão e seus filhos do começo até o fim do mundo, nêles colocado e envenenado pelo satanáas". Ainda mais: o entusiasmo não é sòmente uma, ao lado de outras, possibilidade errada da existência cristã, mas é o "princípio, fôrça e poder" "de tôda heresia", e por isso também "princípio, fôrça e poder" do mal-entendido institucional da igreja (WA 50, 246, 20 ss.; v. também p. 646, 32 ss.). A igreja espiritualisticamente mal entendida por si mesma também não é, por conseguinte, a verdadeira igreja, a qual "recebeu, guardou e ainda guarda a cláusula fundamental de Jesus Cristo" (WA 50, 266, 33 ss.; v. também p. 476, 31ss.; 477, 4. 7 s.; 511, 3 s.; 513, 8 ss.); e sua santidade não é a verdadeira santidade cristã que o Espírito Santo doa.

II. O lugar da igreja

A segunda pergunta que a eclesiologia deve responder, é: Onde está a igreja, o povo cristão e santo de Deus? Com isto não é perguntado pelo "caráter celestial" da igreja, mas pelo seu lugar no mundo e na história (WA 50, 628, 19 ss.). Em que se pode reconhecer, onde "nesta vida e neste mundo" há um povo cristão e santo de Deus, igreja? Como o sinal característico da igreja consiste na sua santidade cristã, pergunta-se ao mesmo tempo, de que maneira e por meio de que o Espírito Santo doa sua santidade à cristandade.

Para a determinação do lugar da igreja Lutero se serve novamente do decálogo. Os mandamentos das duas tábuas do decálogo indicam sinais (signa) de reconhecimento da igreja em sua existência histórico-terrestre. Êstes sinais de reconhecimento, porém, são idênticos com os meios pelos quais o Espírito Santo opera a santidade da cristandade.

Tomando-se primeiramente em vista os sinais de reconhecimento (WA 50, 628, 29; 630, 21 s.; 631, 6 s. 36; 632, 35; 641, 20. 35) da cristandade, os quais são sinalizados pelos mandamentos da primeira tábua do decálogo, assim Lutero poderia, como êle diz no escrito "Dos Concílios e da Igreja", responder à pergunta sôbre o lugar da igreja: a santa cristandade se reconhece nos sete sa-

cramentos. Lutero, porém, desiste neste contexto da palavra "sacramento", pois esta palavra está teologicamente muito sobre-carregada (WA 50, 643, 2 ss.). Em lugar disto ele responde: A santa cristandade se reconhece nas sete partes fundamentais da santificação cristã, isto é, nos sete meios de salvação ou santificação. Estes sete sinais externos de reconhecimento ou "sinais públicos" (WA 50, 630, 23; 631, 8; 632, 14) ou ainda meios de salvação ou meios de santificação são:

1. "A santa palavra de Deus" (WA 50, 628, 29 s.);
2. o "santo sacramento do batismo, onde é ensinado, acreditado e usado de acordo com a ordem de Cristo" (WA 50, 630, 22 s.);
3. o "santo sacramento do altar, onde é dado, acreditado e recebido conforme a instituição de Cristo" (WA 50, 631, 7 s.);
4. o "poder das chaves, que os cristãos usam publicamente" (WA 50, 631, 37);
5. o fato, "de que a igreja ordena ou convida servidores da igreja, ou possui cargos, os quais ela deve cumprir; pois deve haver bispos, pastores e pregadores, que ministram e praticam publicamente e particularmente os quatro acima citados pontos ou meios de santificação em nome da igreja, porém, mais por assim ter sido instituído por Cristo, como S. Paulo diz em Efésios 4..." (WA 50, 632, 35 s./633, 1 ss.);
6. a "oração, louvar e agradecer a Deus publicamente" (WA 50, 641, 21) e
7. o "meio de santificação da santa cruz, que o povo santo e cristão deve sofrer toda a sorte de infortúnios e perseguições, tentações e mal do satanás, do mundo e da carne (como diz o Pai nosso), interiormente: estar de luto, ser ingênuos, assustar-se; exteriormente: ser pobre, desprezado, doente, ser fraco, para que sejam como o seu cabeça Jesus Cristo. E o motivo disto tudo deve ser, que este povo se apegue em Cristo e na palavra de Deus e, por conseguinte, sofrer por Cristo, Mateus 5: 'Bem-aventurados os que por minha causa sofrem perseguição.'" (WA 50, 642, 1 ss.)

Ao lado destes sete pontos fundamentais da santificação cristã ou sinais fundamentais de reconhecimento da cristandade existem "ainda outros sinais externos, nos quais se reconhece a igreja santa e cristã, visto que o Espírito Santo também nos santifica segundo a outra tábua de Moisés, quando nos ajuda, para que honremos pai e mãe de coração, e eles por outro lado, que eduquem os filhos cristãmente e vivam em harmonia. Quando somos leais para com as autoridades, as obedecemos e somos submissos..." (WA 50, 643, 6 ss.) etc. Com estes sinais de reconhecimento e meios de santificação da cristandade, no entanto, não se pode contar com absoluta certeza, porque também pagãos podem executar as acima citadas obras (WA 50, 643, 27 ss.). Além

de tudo a primeira tábua do decálogo está em posição superior do que a segunda. Por isso Lutero não constata mais sete meios de reconhecimento ou meios de santificação da cristandade com base na segunda tábua do decálogo, mas se satisfaz com os sete pontos fundamentais, que nos mostra a primeira tábua do decálogo.

Os sete sinais fundamentais de reconhecimento ou meios de santificação da cristandade têm o caráter de sinais de reconhecimento ou meios de santificação, porque o Espírito Santo se serve deles para a santificação e avivamento diário dos cristãos, e por meio deles opera a santidade da cristandade, constituindo assim a igreja como um povo santo e cristão de Deus (WA 50, 642, 32 ss.; v. também WA 50, 630, 23 ss.; 631, 8 ss.; 632, 13 ss.; 641, 25 ss.; 642, 20 s.; 646, 1 ss.). Nos, com e sob os sete sinais de reconhecimento ou meios de santificação, a igreja tem a sua real existência. Nos sete sinais de reconhecimento ou meios de santificação manifesta-se visivelmente a existência da santa cristandade, que, como seu cabeça, Jesus Cristo, se manifesta no oculto. Por isso, Lutero observa para cada um dos citados sinais de reconhecimento ou meios de santificação: Onde tu vires tal acontecer, “ali, não tenha dúvida, há com certeza uma verdadeira santa igreja católica, um povo santo e cristão, mesmo sendo êle em número reduzido” (WA 50, 629, 28 ss.; v. também p. 630, 27 ss.; 631, 25 ss.; 632, 10 ss.; 633, 10 s.; 641, 16 ss. 21 ss.; 642, 16 ss.). Nos sete sinais de reconhecimento ou meios de santificação comprova-se a ligação para com a santa cristandade. Onde os sinais externos de reconhecimento ou os meios de santificação estão, lá há com certeza um povo cristão e santo, há igreja. “Pois unicamente o povo de Deus tem, dá, pratica, usa e confessa êstes meios de santificação, mesmo que haja secretamente entre êles alguns cristãos falsos e incrédulos, mas êstes não profanam o povo de Deus...” (WA 50, 631, 29 ss.). Por isso, Lutero encerra seus argumentos sôbre os sete sinais externos de reconhecimento ou meios de santificação da igreja com a seguinte afirmação: “Com isto, nós temos com certeza, o que, quem e onde a igreja santa e cristã está, isto é, o povo santo e cristão de Deus, e nós não iremos malograr, disto nós estamos seguros. Tudo, menos estas partes podem malograr...” (WA 50, 644, 1 ss.).

No escrito “Contra Hans Worst”, Lutero enumera até onze sinais de reconhecimento da cristandade. De acôrdo com isto, a ligação para com a “verdadeira e antiga igreja”, sim, a existência mesmo da “verdadeira e antiga igreja” (WA 51, 478, 34/479, 17) manifesta-se nos fatos de:

1. “que nós, como os papistas, somos provenientes do santo batismo, e sermos chamados cristãos, por isso” (WA 51, 479, 20 ss.);
2. “que nós tenhamos igual e do mesmo modo o sacramento do altar, assim como Cristo mesmo o instituiu, e após os apóstolos e tôda a cristandade o usaram” (WA 51, 480, 19 ss.);

3. "que nós tenhamos o verdadeiro e antigo poder das chaves e não o usamos, senão para ligar ou perdoar os pecados, que fôram praticados contra o mandamento de Deus, assim como Cristo as instituiu, e após os apóstolos e tôda a cristandade as usaram" (WA 51, 480, 31 ss.);

4. "que nós tenhamos o ministério da pregação e a palavra pura e abundante de Deus, e a pregamos e praticamos diligentemente sem qualquer novo adicionamento de teoria humana, assim como Cristo ordenou, e os apóstolos e tôda a cristandade o fizeram" (WA 51, 481, 24 ss.);

5. "que nós guardamos, acreditamos, cantamos e confessamos o símbolo dos apóstolos, a antiga fé da antiga igreja, do mesmo modo como a antiga igreja o fez, sem acrescentar cousa nova nem mudar nada" (WA 51, 482, 17 ss.);

6. "que nós tenhamos com a antiga igreja uma mesma oração, o Pai-Nosso, e não compomos uma nova ou outra oração; cantemos os mesmos salmos, louvemos e agradecemos a Deus com coração limpo e puro, assim como Cristo o ensinou, os apóstolos e a antiga igreja praticaram e conforme êste exemplo, nos aconselharam fazer" (WA 51, 482, 24 ss.);

7. "que nós ensinemos e guardemos com a antiga igreja, que se deve respeitar e não amaldiçoar as autoridades terrestres, nem as obrigar a beijar os pés do papa" (WA 51, 482, 32 ss.);

8. "que nós louvemos e consideremos o matrimônio como uma divina, abençoada e bem vista instituição, para o fruto do corpo e contra a prostituição" (WA 51, 483, 26 ss.);

9. "que nós soframos o mesmo (como diz S. Pedro), como nossos irmãos no mundo, perseguições em todos os lugares, degolamentos, afogamentos, enforcamentos, tôda miséria, por causa da palavra... Sim, nós somos (como também a antiga igreja) iguais ao nosso Senhor Jesus Cristo mesmo, na cruz" (WA 51, 484, 17 ss.);

10. "que nós, por outro lado, não derramemos sangue, assassinemos, enforcemos e nos vingemos, como em muitas ocasiões poderíamos ter feito e ainda poderíamos fazer, mas que sofremos como Cristo, os apóstolos e a antiga igreja, que admoestamos e para êles oremos, também públicamente nas igrejas e nas prédicas, em tôdas as cousas, como Jesus Cristo, nosso Senhor, fêz e ensinou, igualmente a antiga igreja" (WA 51, 485, 18 ss.);

11. "Meu Deus e Senhor, se há algo em nós da antiga igreja, então o é infelizmente o jejum... Sim, nós não jejuamos sòmente, mas sofremos fome (com S. Paulo), e isto vemos nos nossos pobres pastôres, nas suas espôsas e filhos e muitos outros pobres, nos quais se vê a fome pelos olhos, que mal têm pão e água, e além disto estão quase nus, pois não têm nada que seja seu" (WA 51, 486, 24 ss.).

Nêstes onze "sinais antigos da antiga igreja" (WA 51, 485, 16) manifesta-se a ligação para com a santa cristandade. Onde êstes "sinais" estão, ali está a "verdadeira e antiga igreja" (WA 51, 487, 18). Porisso Lutero diz para cada dos onze sinais da santa cristandade: "Nós somos a verdadeira e antiga igreja, ou ao menos seus companheiros", a saber, no uso dos sacramentos e do poder das chaves, na prédica da palavra de Deus, etc. (WA 51, 484, 21 s.; v. também p. 479, 27 ss.; 480, 24 ss.; 480, 35/481, 18; 481, 29 ss.; 482, 19 s.; 483, 22 s.; 32 ss.; 485, 16 s. 23 s. 30 s.; 486, 19; 487, 16)

O que significa, que Lutero fala dos sete "pontos fundamentais", ou dos sete meios de santificação, ou dos sinais de reconhecimento da cristandade, e dos onze "antigos sinais da antiga igreja"?

A isto, no momento, podemos responder negativamente: Lutero não quer de nenhum modo elaborar um esquema fixo dos sinais de reconhecimento ou meios de santificação da cristandade. Das suas afirmações sôbre os meios de santificação ou sinais da cristandade não se pode deduzir uma doutrina esquematizada das sete ou onze "notae ecclesiae". No seu escrito "Dos Concílios e da Igreja" êle diz claramente, que ao lado dos sete meios fundamentais de santificação da cristandade êle poderia ter citado outros sete meios de santificação ou sinais de reconhecimento com a ajuda da segunda tábua do decálogo (WA 50, 643, 27 ss.). No escrito "Contra Hans Worst" Lutero observa, que além das onze citadas "partes", existem outras, nas quais se verifica a ligação para com a cristandade (WA 51, 485, 25 ss.). Em "Dos Concílios e da Igreja" êle se limita a sete meios fundamentais de santificação ou sinais de reconhecimento da cristandade, porque êle adere à tradição dos sete sacramentos (concernente sômente ao número dos sacramentos). Isto nos mostra a frase: êle também poderia denominar os sete meios fundamentais de santificação, como sendo os sete sacramentos (WA 50, 643, 2 ss.). A estas sete "partes" deixam-se atribuir também os onze "sinais" em "Contra Hans Worst".

Positivamente podemos dizer, que os argumentos de Lutero sôbre um grande número de sinais ou meios de santificação têm sentido apologético. Em "Dos Concílios e da Igreja" Lutero dá uma resposta detalhada à pergunta sôbre a verdadeira igreja. Êle mostra, por um lado na polêmica com o mal-entendido institucional da igreja, e por outro lado na polêmica com o mal-entendido espiritualístico da igreja, não sômente sumariamente, mas com exatidão, onde se pode encontrar a verdadeira e santa cristandade, e em que se pode reconhecê-la. Em "Contra Hans Worst" êle se ocupa com a acusação: A igreja da reforma desligou-se da "verdadeira e antiga igreja"; ela representa uma renovação; ela exclui-se do "continuum" da verdadeira cristandade. Em face desta acusação, Lutero se esforça em dar uma prova detalhada, de que a igreja da reforma ficou na verdadeira e antiga igreja, sim até, que ela mesma é a verdadeira e antiga igreja. Por isso, êle conclui

suas explicações sobre os onze "antigos sinais da antiga igreja" com a afirmação: "Com isso nós temos provado, que nós somos a verdadeira e antiga igreja, e juntamente com toda a igreja santa e cristã um corpo e uma comunidade dos santos." (WA 51, 487, 18 ss.) Esta prova, porém, a prova da continuidade e catolicidade da igreja, só se pode dar, quando se examina minuciosamente a determinação do lugar da igreja. Com isto se testemunha ao mesmo tempo a riqueza da graça divina, isto é, o fato de que o Espírito Santo doa sua santidade à cristandade não somente de uma maneira, mas de diversas maneiras (WA 50, 227, 20 ss.; 240, 27 ss./241, 1 ss.).

Lutero não está, portanto, ligado a um esquema de sete ou onze "notae ecclesiae". Outras declarações deixam isto mais claro ainda. Ele observa que bastariam a palavra de Deus, o batismo e a santa ceia para santificar uma pessoa, isto é, para incluí-la na santa cristandade (WA 50, 630, 18 ss.; 195, 18 ss.: 521, 15 s.: 7, 720, 32 ss.), e para fundar e demarcar a existência da igreja. "... onde está a palavra de Deus, ali deve estar a igreja, e também, onde estão o batismo e a santa ceia, ali deve estar o povo de Deus, e vice-versa." (WA 50, 631, 27 ss.) Aqui aparece em Lutero o esquema usual das "notae ecclesiae": Palavra de Deus, batismo e santa ceia ou palavra de Deus e sacramentos.

Mas também isto ainda não é a sua última palavra a respeito deste assunto. Todos os meios de santificação ou sinais de reconhecimento da cristandade são meios de santificação ou sinais de reconhecimento, somente quando são palavra de Deus (v. WA 50, 241, 7 s.; 641, 28). Em última análise, só há um meio de santificação, um sinal de reconhecimento, um fundamento da cristandade, pelo qual esta é constituída e reconhecível: a palavra de Deus, o evangelho. "A santa palavra de Deus" (WA 50, 628, 29 s.), que em seu meio é evangelho, representa o "santuário" principal da igreja, "o verdadeiro meio de santificação, o verdadeiro bálsamo, que nos unge para a vida eterna" (WA 50, 629, 13 s.), "a parte principal e o santuário fundamental, pelo qual o povo cristão é chamado de santo" (WA 50, 629, 2 s.). A palavra de Deus entendida como evangelho é ainda antes do batismo e da santa ceia o "unicum, certissimum et nobilissimum Ecclesiae symbolum" (WA 7, 721, 9 ss.). O ponto mais seguro pelo qual se reconhece a igreja é que ela possui a palavra de Deus (WA 31/I, 456, 13; v. Althaus op. cit. p. 250). Ela é "o grupo reunido pelo evangelho e por isso também em torno do evangelho" (Althaus op. cit. p. 249 s). A palavra de Deus, o evangelho, é "a parte, que faz todos os prodígios, tudo coordena, tudo eleva, tudo realiza, tudo faz, expulsa todos os demônios" (WA 50, 630, 3 ss.), que destrói os mal-entendidos institucional e espiritualístico da igreja. Porque a palavra de Deus é a "santidade de Deus mesma", ela santifica "tudo o que toca" (WA 50, 629, 4 s.). A cristandade recebe sua santidade unicamente pela palavra de Deus. O Espírito Santo doa esta santidade a ela unicamente pela palavra de Deus e por nenhum outro meio (WA 50,

629, 7 s.). A palavra de Deus, a "parte principal, santuário fundamental, segura, nutre, fortifica e protege a igreja, como santo Agostinho também diz: *Ecclesia verbo Dei generatur, alitur, nutritur, roboratur*" (WA 50, 630, 16 ss.; v. também WA 12, 191, 16). Resumido: "tota vita et substantia Ecclesiae est in verbo dei." (WA 7, 721, 9 ss.)

A palavra de Deus satisfaz, por isso, as exigências para demarcar a existência da santa cristandade (WA 50, 629, 32 ss.). Onde está a palavra de Deus, ali há com certeza povo santo e cristão, ou seja igreja (WA 50, 347, 15 ss.). Pois a palavra de Deus é em todos os casos palavra poderosa e eficaz. Ela faz, o que Deus quer que ela faça. "Palavra de Deus não pode haver sem povo de Deus, e povo de Deus não pode haver sem palavra de Deus. Pois quem iria querer pregá-la ou ouvi-la, onde não houvesse povo de Deus? E o que iria querer crêr o povo de Deus, onde não houvesse palavra de Deus?" (WA 50, 629, 34 ss./630, 1 s.) Porque a palavra de Deus é a "substantia" da igreja, Deus a quer ver "honrada e guardada sôbre e além de tudo" (WA 50, 347, 5 ss.).

Este "sinal externo" e fundamental, "no qual deveríamos reconhecer a igreja de Cristo ou seu povo cristão e santo no mundo" (WA 50, 629, 19 s.), é a externa, isto é, a pregada, crida e públicamente confessada palavra de Deus (WA 50, 629, 16 ss.). A externa e oralmente pregada palavra de Deus fundamenta a existência da igreja. Ela faz a igreja para o "fundamento e coluna da verdade" (WA 51, 519, 31).

Nela baseiam-se a santidade e pureza da igreja. Por certo a igreja não está sem pecados, se olharmos para a sua vida no mundo e na história (WA 51, 516, 32 s.; 518, 21 s.; 520, 22 ss.). Por isso, ela não tem motivo de vangloriar-se. Mas isto não significa que ela deva deixar prender-se aos pecados do seu surgimento histórico-terrestre. Por causa da palavra de Deus, que cria e mantém a igreja, é esta, no entanto, santa e pura; ela é santificada pela palavra de Deus (WA 51, 520, 25 ss.). Pois a palavra de Deus é "algo tão magnífico e majestoso", que também vence a oposição da igreja, ou seja, o pecaminoso (WA 51, 519, 22 ss.; 521, 19 ss.).

Na pregada, crida e confessada palavra de Deus se baseia a necessidade de salvação da igreja. A salvação vem unicamente pela palavra de Deus. E onde está a palavra de Deus, ali há igreja. Por êste motivo não há salvação fora da igreja, isto é, fora da palavra de Deus (WA 7, 219, 6 ss.; 26, 507, 11 s.; 10/I, 1, 140, 16 ss.).

Na palavra externa e oral de Deus baseia-se também a infalibilidade da igreja. A igreja não pode errar, porque a palavra de Deus, a qual ela prega, não pode errar (WA 51, 518, 32 ss.).

Na palavra de Deus baseia-se a necessidade do ministério da pregação. A palavra de Deus deve ser pregada, porque sômente assim ela é realmente a palavra de Deus, a palavra que a igreja cria, mantém e transmite, a que está destinada (WA 50, 641, 18 s.).

Na pregada, crida e confessada palavra de Deus baseia-se a catolicidade da igreja (v. WA 50, 626, 9 ss.). A igreja é temporariamente universal, porque a palavra de Deus não emudece. Como a palavra de Deus, assim também a igreja existirá do começo até o fim do mundo. Ela existirá mesmo nos piores tempos de decadência, mesmo quando seu semblante visível fôr deformado, até se tornar irreconhecível. Se fôsse diferente, então o terceiro artigo do credo apostólico estaria errado, Cristo seria um mentiroso e seu reino não seria infinito (WA 50, 563, 17 ss.; 593, 7 ss.; 625, 21 ss.; 627, 12 ss.; 628, 16 ss.; 634, 11 ss.). A igreja também é universal em relação ao espaço. Ela não está prês a um determinado lugar ou a um localizável chefe institucional ou a leis institucionais. Ela se estende "por todo o mundo ou onde há cristãos", isto é, onde a palavra de Deus fôr pregada, crida e confessada (WA 50, 632, 30 ss.).

Na públicamente pregada, crida e confessada palavra de Deus baseia-se a visibilidade da igreja. A igreja, que só pela fé é concebível como comunidade dos santos, confessa a palavra de Deus públicamente e oralmente pelos homens, e torna-se desta maneira "visível no serviço do evangelho" (Doerne op. cit. p. 26).

Na palavra de Deus externa e oral baseia-se por fim a unidade da igreja universal. Porque a palavra de Deus em sua substância é sempre a mesma, só pode existir uma igreja. Isto naturalmente não fica muito claro, se entendemos a igreja como o povo santo e cristão de Deus. Não poderiam, talvez, existir mais povos de Deus? Que a igreja é uma unidade conforme o seu caráter, foi provado com provas concludentes, onde a igreja é entendida por corpo ou noiva de Cristo. Naturalmente Cristo só tem um corpo, pois senão êle seria um monstro (v. WA 50, 272, 9 ss.). E naturalmente Cristo não é polígamo; êle tem somente uma noiva (WA 50, 636, 14 s.; 637, 21; 638, 2 s.). Os quadros da igreja como o corpo ou a noiva de Cristo indicam portanto, convincentes, que a cristandade de todos os tempos e países representa necessariamente uma unidade (WA 7, 219, 1 ss.). A unidade da cristandade não é, por conseguinte, o resultado da fusão subjetiva dos seus membros, também não o resultado de programas ecumênicos, mas a obra da palavra de Deus. É uma unidade que está surgindo aos poucos, uma unidade causada e efetuada pela palavra de Deus.

Que Lutero acentua tanto nêste tempo o caráter externo e oral da palavra de Deus e ao mesmo tempo o caráter externo dos meios de santificação da igreja, surgiu na luta contra o mal-entendido espiritualístico da igreja. A êste mal-entendido deve-se objetar enérgicamente, de que o Espírito Santo santifica a cristandade unicamente "pela ou com a antecipadamente pregada externa palavra de Deus" (WA 50, 245, 1 ss.), porque Deus "não quer" absolutamente "negociar com nós homens, senão por sua palavra externa e sacramentos externos" (WA 50, 246, 24 ss.).

A "substantia" da igreja, porém, ou seja, o sinal fundamental de reconhecimento e meio fundamental de santificação da

crístandade é únicamente a pura e verdadeira palavra de Deus, que não está falsificada por nenhum suplemento. A palavra de Deus quer ser a única autoridade na igreja. Por isso ela não suporta nenhum suplemento humano, nem mesmo qualquer coisa ao lado dela (WA 51, 515, 35 s./516, 18 ss.). "Deve ser totalmente luz, e nada de obscuro deve haver. A igreja deve ensinar somente a palavra ou a verdade de Deus, e nenhum erro, nem mentir." (WA 51, 516, 28 s.; v. também p. 513, 26 ss.; 520, 21 s.; 518, 22 ss.) A igreja deve pregar e ensinar a palavra de Deus, seu maior tesouro, assim como Cristo o ordenou e a verdadeira e antiga igreja pregou e ensinou. Somente daí é que a igreja e tudo o que nela é verdadeiro se encontra sobre um fundamento seguro (WA 51, 514, 27 ss.). Pois onde a pura e verdadeira palavra de Deus é pregada sem qualquer suplemento e é crida, ali fala Deus mesmo e pronuncia o seu Sim à palavra pregada, crida e confessada na igreja (WA 51, 517, 19 ss.). Olhando-se a substância, a palavra de Deus não necessita de nenhum acréscimo e ampliação. Por isso, os quatro primeiros concílios ecumênicos não elaboraram um novo artigo da fé, como Lutero o provou no escrito "Dos Concílios e da Igreja", mas defenderam somente "a antiga fé" contra novas heresias (WA 50, 575, 3 ss.; 583, 17 ss.; 591, 22 ss.; 603, 15 ss.; 605, 20 ss./606, 1 s.; 606, 4 ss.; 551, 25 ss.; 575, 5 ss.). O que a igreja necessita, já lhe foi dado na e com a palavra de Deus. Ela pode continuar testemunhando a verdade desta palavra somente crendo e confessando, baseada na santa escritura (v. WA 50, 525, 20 ss.; 544, 2 ss.; 546, 29/547, 1 ss.; 572, 21 ss.; 604, 24 ss.; 618, 30 ss.; 616, 3 ss.) e, se fôr necessário, reformular a antiga verdade (v. WA 50, 572, 21 ss.).

Naturalmente a palavra de Deus não está incontestavelmente de livre posse da igreja. Onde a palavra de Deus "exerce sua poderosa força", ali o diabo não fica sem trabalhar; ele combate a palavra onde pode. Por isso a igreja, que existe com e da palavra de Deus, é tentada constantemente por motivo desta palavra. O quadro ideal da "igreja quieta e pacífica", a igreja sem luta pela igreja, não representa o quadro do verdadeiro povo de Deus. Se a igreja existe com e da palavra de Deus, então ela existe com e sob a cruz, em constante luta pela santidade e pureza da palavra. Se ela não estivesse nesta luta, então teria todo motivo de se preocupar pela pergunta, se ela realmente ainda vive com e da palavra de Deus (WA 50, 270, 17 ss. 25 s.; 272, 29 ss.; 272, 34 s./273, 1; 346, 31 ss./347, 1 s.; 476, 2 ss.). Lutero não instituiu por acaso sob os sinais de reconhecimento e meios de santificação da igreja "o meio de santificação da santa cruz". Este sinal e meio não se adapta sem mais na sequência dos outros sinais e meios. Pois estes últimos podem ser manejados eclesiasticamente: a pregação do evangelho, o batismo, a santa ceia, a absolvição, a missão dos pregadores, oração e louvor a Deus, confissão dos pecados e cumprimento dos mandamentos. O "meio de santificação da santa cruz", porém, a igreja nunca poderá manipular; ela só-

mente poderá suportá-la. "A exposição da teologia da cruz de Lutero sobre a igreja", surgida de sua "theologia crucis" e delineada conforme o seu ideal de compreensão de Cristo, indica que a igreja está sempre e em qualquer lugar oculta sob a cruz (v. Doerne op. cit. pp. 20 ss.). Isto determina a sua "situação normal", sua existência em "tentação, menosprezo e defesa contra sua mensagem em todos os graus". Aqui não se trata, contudo, sobre uma segunda determinação da igreja ao lado da surgida pela palavra de Deus. Pois a palavra de Deus é a palavra da cruz. Por este motivo, a igreja da palavra é eo ipso a igreja sob a cruz. Isto expressa claramente o quadro da igreja como o corpo de Cristo. Se a igreja é o corpo de Cristo, então "a história de Cristo", seu cabeça, é a sua "história original e lei fundamental". A história de Cristo, porém, é a história em relação à cruz. Nesta história a igreja segue o seu cabeça. Com muita razão se indicou, que "o quadro do caráter fundamental da igreja" de Lutero recebe "a dimensão profunda, igualmente também a agitação interna e plenitude de movimento" desta "exposição da teologia da cruz" (Doerne).

Os sinais de reconhecimento e meios de santificação da igreja, que se deixam todos atribuir ao meio fundamental de santificação da palavra de Deus pregada como seus "desenvolvimentos e atualizações" (Doerne op. cit. p. 18), não são sinais de reconhecimento e meios de santificação ocasionais, mas escolhidos por Deus como "meios suportáveis, afáveis e amáveis, que não poderiam ter sido escolhidos melhor por nós mesmos" (WA 50, 647, 17 ss.; v. também WA 50, 521, 15 s.). Eles baseiam-se no mandamento, na instituição e na ordem de Deus (WA 50, 647, 6 ss.; 648, 30 s.). Isto concede-lhes sua força, a saber, que Deus nêles, com o Espírito Santo, quer agir em nós (WA 50, 648, 17 ss.). Com isto, que Deus instituiu à cristandade êstes sinais e meios, êle se evidencia como seu Deus e Senhor (WA 50, 649, 2 s.). Por isso, êles devem ser observados com honra e ser estimados mais do que céu e terra. Outros meios de santificação e sinais de reconhecimento da cristandade não existem.

As funções e cerimônias eclesiásticas não pertencem em especial aos meios de santificação e sinais de reconhecimento da igreja como o afirma o mal-entendido institucional da igreja (WA 50, 642, 22 ss.). Nas funções e cerimônias eclesiásticas trata-se de "partes livres e externas" (WA 50, 651, 1), "cousas externas" (WA 50, 553, 16), "partes ocasionais, corporais, externas e temporais" (WA 50, 559, 33 s), "partes totalmente externas, corporais, efêmeras e variáveis" (WA 50, 619, 24 s.), que não foram instituídas nem ordenadas por Deus. O Espírito Santo não necessita dêles para santificar os cristãos (WA 50, 649, 7 ss.; 553, 17 ss.; 250, 6 ss.). "Os cristãos bem podem ser santificados e permanecer como tais, sem estas partes". (WA 50, 649, 18 ss.) Porque estas "partes" possuem caráter mundano, basta a razão humana, dada por Deus, para as ordenar (WA 50, 553, 16 s.; 651, 1 ss.). Mas se também

não lhes cabe nenhuma "necessitas salutis et praecepti", não são simplesmente dispensáveis (WA 50, 614, 16 s.). Entre razoáveis limites — "com medida" — eles possuem sua necessidade relativa, condicional e temporalmente limitada: estas "partes externas" servem para fins pedagógicos. Elas são "externamente necessárias ou úteis", e servem por isso "muito bem" (WA 50, 649, 7 ss.). Elas são de necessidade e utilidade externa, "sòmente para disciplina e ordem externa" (WA 50, 619, 20 ss.) "por causa das crianças e do povo ingênuo" (WA 50, 649, 22 ss.; v. também p. 614, 15 s.). Por isso, não se deve mudá-las sem motivos fundamentais. As funções eclesiásticas externas não são, todavia, intocáveis. Elas são por princípio livres, pois não tocam no caráter fundamental da igreja, isto é, não dão a santidade cristã à igreja (v. WA 50, 625, 8 ss.). "Deus, Cristo e o Espírito Santo não perguntam nada a êsse respeito, tão pouco, como o que e onde nós queremos comer, beber, nos vestir, habitar, casar, andar ou parar." (WA 50, 650, 1 ss.) Se a situação o exigir, então as funções eclesiásticas externas podem ser mudadas de acôrdo com uma medida razoável do bom-senso humano e de forma conveniente, legal e pacífica (v. WA 50, 649, 30 ss./650, 1 ss.; 650, 10 ss.). Pois elas não tornam os cristãos em santos. Sòmente uma cousa faz a igreja santa: a palavra externa e oral de Deus, pela qual o Espírito Santo faz a sua obra.

"Isto seja o suficiente sôbre a igreja. Mais não se pode falar dela; só se pode dizer mais sôbre tôdas as partes..." (WA 50, 649, 3 ss.).